

The Godfather Of The World: O Cinema Como Instrumento De Relações Públicas Do Governo Norte-Americano nos anos 90¹

Natalia dos Santos CAVALCANTE²
José Guibson Delgado DANTAS³
Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL

RESUMO

Esta comunicação decorre da pesquisa intitulada *Hollywood como Instrumento de Relações Públicas para a Construção de uma Imagem Pública Positiva do Governo Norte-Americano*, que acolhe o subprojeto PIBIC que contribui para as discussões sobre o tema no âmbito das Relações Públicas. Esta indústria cultural é praticamente negligenciada na literatura das Relações Públicas, que ignora o conceito de *soft power*. O presente artigo analisa a Indústria Cultural do Cinema Norte-Americano sob a ótica das Relações Públicas, identificando as estratégias de construção de uma boa imagem do governo estadunidense perante a comunidade internacional incutidas nas produções cinematográficas, da década de 90.

PALAVRAS-CHAVE: cinema; relações públicas; Estados Unidos da América.

INTRODUÇÃO

Este artigo surge a partir do subprojeto de iniciação científica - PIBIC 2015/2016 *The Godfather Of The World: o cinema como instrumento de relações públicas do governo norte-americano Pós-Guerra Fria - anos 90*", que faz parte da pesquisa guarda-chuva "Hollywood como Instrumento de Relações Públicas para a Construção de uma Imagem Pública Positiva do Governo Norte-Americano", coordenada pelo segundo autor. Nessa direção, esta comunicação apresenta o respectivo plano de investigação e os primeiros resultados obtidos das análises em curso.

As atividades de Relações Públicas começaram a ser exercidas nos Estados Unidos da América (EUA) oficialmente no início do século XX, sendo que o termo foi proferido pela primeira vez um século antes, em 1807, quando o presidente Thomas Jefferson discursou no congresso norte-americano. (WEY, 1986).

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Relações Públicas e Comunicação Organizacional da Intercom Júnior - XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Bolsista Pibic. Estudante de Graduação do 5º semestre do Curso de Relações Públicas da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), email: natalia.cavalcante00@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de Málaga e Professor do Curso de Relações Públicas da Universidade Federal de Alagoas, email: dantasjgd@gmail.com.

Desde então, as Relações Públicas sempre estiveram inseridas nas políticas organizacionais no que tange o estabelecimento da harmonia entre as organizações e os seus públicos. Sua importância no cenário empresarial cresceu com o advento da globalização e as consequentes mudanças da sociedade global – mais crítica e participativa. Sobre isto Kunsch comenta:

As organizações modernas assumem novas posturas na sociedade de hoje. A velocidade das mudanças que ocorrem em todos os campos impele a um novo comportamento institucional das organizações perante a opinião pública. Elas passam a se preocupar sempre mais com as relações sociais, com os acontecimentos políticos e com os fatos econômicos mundiais. E, nesse contexto, a atuação das relações públicas será fundamental, pois caberá a essa atividade a função de auditoria social. Isto é, terá de saber avaliar as reações da opinião pública para traçar as estratégias de comunicação. (KUNSCH, 1997, p.141).

Ainda que a profissão tenha uma vasta gama de técnicas, o cinema, entretanto, é uma indústria cultural pouco estudada na literatura de Relações Públicas, que se concentra, sobretudo, no âmbito da comunicação dirigida auxiliar. (KUNSCH, 2003).

Essa Indústria Cultural — termo este introduzido pelos teóricos alemães Max Horkheimer e Theodor Adorno (1995) — tem por designação fazer da arte um objeto de mercadoria e manipulação de massas, tornando o telespectador um cidadão passivo e acrítico. O cinema, segundo os referidos autores, é uma das principais indústrias culturais de entretenimento, o que o converte num importante instrumento para a consolidação de uma imagem positiva de empresas, organizações não governamentais, regimes políticos e nações.

Sabendo da importância dos conteúdos midiáticos massivos como produtos de suma importância para as Relações Públicas e compreendendo que os anos 90 foi um período pertinente para a expansão do cinema – sobretudo norte-americano - em nível global, o presente trabalho busca analisar, sob a ótica de Relações Públicas, as estratégias dos Estados Unidos da América para a construção de uma imagem positiva do governo norte-americano na década de noventa. Como material de estudo elegemos os filmes “Independence Day” e “O Resgate do Soldado Ryan”, que terão analisados o enredo, os cenários e os símbolos norte-americanos exibidos nas películas.

A IMPORTÂNCIA DA PROPAGANDA CINEMATOGRÁFICA PARA OS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Os Estados Unidos - desde a sua formação histórica até os dias de hoje – é um país amplamente discutido pelo mundo afora, suscitando sentimentos muitas vezes controversos devido a sua forte influência política e social através da Indústria Cultural: um dos dispositivos de persuasão mais utilizados na veiculação do ideário norte-americano.

Época de grandes mudanças nos campos tecnológico, social e cultural, a década de 1990 é marcada pelo desenvolvimento de tecnologia de mídias de massa e da correlata comunicação de larga escala e de grande capacidade de difusão de informações. É possível dizer que "os instrumentos de comunicação de massa constituem os recursos de opinião pública, que contribuem para a modificação da mentalidade individual ou coletiva". (WEY, 1986, p. 37).

A partir da primeira etapa das referidas pesquisas, fundada na realização de leituras sobre a história dos Estados Unidos — desde sua formação, até os tempos atuais — com ênfase nas produções cinematográficas de Hollywood, é possível analisar diversas técnicas de Relações públicas nas estratégias do governo norte-americano para alcançar uma imagem positiva por meio do cinema.

Para a efetividade de todo o processo de construção dessa imagem perante a sociedade, a atividade dos profissionais de Relações Públicas foi alçada a destaque nos Estados Unidos — principalmente nos anos 90 — e exerceu grande influência em todo o cenário de administração de crises. Nesse sentido, Nancy Snow destaca que "a partir de 1995 os Estados Unidos passaram a ter mais profissionais de relações públicas (150.000) do que repórteres (130.000)" (SNOW, 2004, p. 37).

A criação das propagandas estava diretamente relacionada ao controle social que, por sua vez, logrou êxito ao longo da história. A título exemplificativo, merece menção que em 1942, através das mídias, principalmente a imprensa, o rádio e o cinema, foi lançada uma intensiva campanha para conseguir o apoio da população no tocante à entrada dos Estados Unidos na guerra.

O crescente número de imigrantes dos EUA também decorreu da autopromoção deste país perante os demais países do mundo. Mediante suas propagandas, tal país difundiu a ideia de *American Way Of Life*, aguçando assim o desejo dos imigrantes de viver em uma terra de "independência e liberdade".

Considerando os avanços e as conquistas, aos EUA foi conferido o *status* de sociedade de consumo, sendo o consumo então entendido como o principal direito da população. As propagandas veiculadas por meio de rádios, revistas e jornais exaltavam o direito à liberdade relacionada ao consumo, e buscavam ocultar os problemas políticos e sociais do país. Para muitos cidadãos o consumo de bens era o suficiente para a felicidade plena.

Nesse mesmo contexto, o cinema norte-americano foi um dos artifícios mais usados para influenciar a população, com os filmes hollywoodianos direcionados à “crença nas possibilidades de sucesso individual, na capacidade do governo em proteger cidadãos contra o crime e numa visão da América como uma sociedade sem classes”. (KARNAL, et al, 2007, p.181).

SOB A ÓTICA DE RELAÇÕES PÚBLICAS: ANÁLISE DOS FILMES INDEPENDENCE DAY E O RESGATE DO SOLDADO RYAN

Os filmes chamam a atenção das pessoas pelas múltiplas possibilidades de transmissão da "realidade" vivida. Entretanto, é sabido que as histórias produzidas nessas produções cinematográficas não estão livre de influências de viés econômico, cultural e político. Nesse rumo, muitas películas elaboradas em Hollywood serviram de instrumento de propaganda norte-americana. Os interesses do Estado e os interesses dos estúdios cinematográficos fizeram com que as produções dessa indústria correspondessem aos seus objetivos, principalmente nos anos 90, período em que os EUA tinha por fim fortalecer a ideia de superioridade diante de outros países e construir uma boa imagem do seu Estado. A indústria cinematográfica de Hollywood reunia todas as condições para que o cinema se convertesse em instrumento de propaganda dos ideais e dos valores norte-americanos.(LEITE, 2003).

Na segunda etapa da pesquisa, foram escolhidos os filmes dos anos 90 para análise. Para isso, foi feita a seleção de duas obras originárias exclusivamente dos EUA, conforme exposto na tabela abaixo:

Tab. 1 - Filmes selecionados para análise

<i>Título do filme em português</i>	<i>Título do filme em inglês</i>	<i>Ano</i>	<i>Diretor</i>
Independence day	Independence day	1996	Roland Emmerich
O resgate do soldado Ryan	Saving Private Ryan	1998	Steven Spielberg

Fonte:

Após a escolha dos filmes, para fins de realizar uma análise mais objetiva durante a pesquisa, foram eleitas três cenas de cada uma dessas obras cinematográficas e, por conseguinte, foram observadas as estratégias de propaganda pró-EUA. Nesta terceira etapa, foram analisadas as principais falas dos personagens relacionadas aos Estados Unidos da América, bem como foram observados o cenário e o contexto de exibição de símbolos norte-americanos, identificadas as estratégias de construção de uma boa imagem do governo norte-americano no período Pós-Guerra Fria. A seguir, a tabela detalha as cenas escolhidas do primeiro filme analisado:

Tab. 2 - Cenas para análise do filme *Independence Day*

<i>Independence Day</i>	
<i>Cenas</i>	<i>Descrição</i>
cena 1	Bandeira dos Estados Unidos na Lua
cena 2	Alienígenas destróem outros países
cena 3	Os americanos criam um plano para destruir os alienígenas e salvar o mundo

Fonte:

Análise do filme: Independence Day

O filme de ficção científica *Independence Day* — com mesmo título no Brasil — do diretor Roland Emmerich, foi lançado em 1996, nos Estados Unidos. A obra discorre sobre

a invasão dos alienígenas à Terra na semana de comemoração da independência dos EUA. A partir desse risco mundial, o presidente do país se vê responsável pelo término dessa invasão de extraterrestres, para fins de salvar a vida humana, com a cooperação de todas as nações. Segundo Sidney Ferreira Leite, essa analogia cinematográfica com alienígenas, foi iniciada em décadas anteriores. O autor destaca:

Após o fim da Segunda Guerra Mundial os inimigos mudaram. O mundo passou a ser ameaçado pela propagação de um novo vírus mortal: o comunismo soviético. Na Guerra Fria, Hollywood continuou o seu trabalho. Na década de 50, por exemplo, os espectadores foram aos cinemas ou assistiram pela televisão, os filmes B que faziam em seus roteiros associações entre os vermelhos da URSS e seres de outros planetas (principalmente os verdes de Marte), unindo esforços para dominar o planeta Terra. (2003, p.74)

Cena 1 - Bandeira dos EUA na Lua

A primeira cena para análise foi escolhida pelas reverentes características e simbologias que carrega consigo, dotada de grande significado na história do país norte-americano. O filme inicia com o maior símbolo de propaganda política durante a Guerra Fria: a bandeira dos EUA na Lua. O programa Apollo ocorreu devido a disputa de poder entre os EUA e a URSS em 1969. Embora o filme tenha sido lançado em um período Pós-Guerra Fria, ou seja, já sob à égide do capitalismo, os EUA ainda assim enfatizavam todo o seu poderio e toda a sua superioridade perante o mundo em suas películas.

O episódio apresenta a imagem da bandeira dos EUA ao fundo e logo após é conferido destaque à placa com a seguinte frase "here men from the planet earth first set foot upon the moon, july 1969, A.D. We came in peace for all mankind", para melhor compreensão, a frase em português significa "aqui pela primeira vez, os homens do planeta terra colocaram os pés na Lua. Junho de 1969. Viemos em paz em nome de toda a humanidade". Logo abaixo da frase, seguem os nomes dos três astronautas norte-americanos que embarcaram na missão Apollo 11, quais sejam, Neil Alden Armstrong, Michael Collins e Edwin E. Aldrin Jr. E, por fim, segue o nome do Presidente Richard Nixon. Analisando o contexto e toda a simbologia desta cena, destacam-se os contornos da potência mundial de propaganda que é os EUA: levaram o nome presidencial até a Lua.

Cena 2 - Alienígenas destroem outros países

A ação dos alienígenas é iniciada pelo Deserto Setentrional Iraquiano e, em seguida, se estende para mais algumas das principais cidades do mundo. Para aumentar o pânico e o terror da população, os extraterrestres se posicionam sobre importantes edifícios dessas grandes cidades como, Empire State Building, em Nova Iorque; Casa Branca, em Washington, DC; Torre Eiffel, em Paris; Big Ben, em Londres.

Diante de todo o contexto dos primeiros ataques dos alienígenas no Iraque e na Rússia, pode-se fazer a seguinte pergunta: por que esses lugares foram os primeiros alvos dos seres de outro planeta? Investigando essa sentença extraímos um grande significado. Durante o conflito entre a ideologia comunista soviética e o capitalismo americano, a URSS — que tinha como principal país da União a Rússia — tinha grandes interesses do apoio do Iraque, fornecendo-lhe armas por temer a influência dos EUA. Logo, com a destruição dos marcianos nestes lugares, e analisando o período Pós-Guerra Fria, percebe-se que os principais inimigos e aliados destes foram os primeiros alvos dos ETs. E, para além disso, com a conotação de que até os marcianos tem uma noção do que é um "país bom" e um "país ruim". Restando, dessa forma, ao sistema capitalista dos EUA, com seu poder armamentista e tecnológico superior, a criação de um plano para acabar de vez com os seres de outro planeta.

Durante a cena são enfatizados importantes símbolos que representam os EUA, tais como, a Estátua da Liberdade, a Estátua do presidente Abraham Lincoln — que desenvolveu importante papel na Guerra de Secessão — localizada no Lincoln Memorial, e por diversas vezes, a bandeira dos EUA.

Cena 3 - Os americanos criam um plano para destruir os alienígenas e salvar o mundo

Por fim, após tantas destruições e diante da ameaça à vida humana com a crescente dominação dos alienígenas nos países, o presidente decide usar um contra-ataque nuclear para acabar com a nave destruidora, e aqui merece destaque todo o poderio armamentista do país. Porém, o ataque não logra êxito, pois a nave desenvolvia uma proteção sempre que atacada. Logo, o presidente preocupado com a salvação de toda a humanidade, solicita que seja pensado outro fim para os extraterrestre na Terra.

Exatamente no dia 4 de Junho — data de comemoração da Independência dos Estados Unidos — o operador de Tv a cabo David, protagonizado pelo ator Jeff Goldblum, desenvolve um tipo de vírus de computador que bloqueia as defesas das naves. Com isso, usando uma nave capturada há muitos anos, ele e o piloto Hiller vão até a nave principal para lançar esse vírus e em seguida disparar mísseis nucleares. Eles requerem aos exércitos de todo o mundo ajuda no ataque contra as diversas naves espalhadas pelos países. Devido a falta de pilotos aéreos do exército norte-americano, o presidente dos EUA decide embarcar junto a esse combate. Por fim, graças ao poder tecnológico, armamentista e nuclear norte-americano, e a ajuda dos exércitos de todo o mundo, todas as naves existentes na Terra são destruídas, deixando toda a humanidade feliz, liberta e em paz. Esta cena apresenta intrinsecamente que em tempos de avanços e mudanças no âmbito mundial somente com a influência dos EUA os problemas podem ser resolvidos.

Análise do filme: O Resgate do Soldado Ryan

O segundo filme analisado foi O Resgate do Soldado Ryan. A seguir, a tabela detalha as cenas escolhidas do filme:

Tab. 3 - Cenas para análise do filme *O Resgate do Soldado Ryan*

<i>O resgate do soldado Ryan</i>	
<i>Cenas</i>	<i>Descrição</i>
cena 1	Combatente americano durante a invasão à Normandia guarda areia em um pote nomeado "France", próximo a outros potes nomeados "Italy" e "Africa"
cena 2	O general George C. Marshall recebe a notícia da morte dos três irmãos norte-americanos em combate
cena 3	Inimigo alemão é rendido por soldados norte-americanos e cita nomes de grandes ícones do país e canta um trecho do hino dos EUA

Fonte:

O filme de guerra, O Resgate do Soldado Ryan, com título original *Saving Private Ryan*, dirigido pelo diretor Steven Spielberg, foi lançado em 1998. A produção cinematográfica discorre sobre a invasão dos soldados americanos e aliados em 1944 na Normandia - França, que estava ocupada pelos alemães durante a Segunda Guerra Mundial.

Esse gênero de filme, mesmo após os períodos de guerra, era lançado para fortalecer a ideia de que os Estados Unidos da América continuavam ocupando importante espaço na história do mundo, e não se recusavam em proteger todos os países.

Porém, não foram apenas os filmes de guerra. Todos os gêneros cinematográficos foram, diretamente ou indiretamente, mobilizados para ajudar no esforço de justificar para a opinião pública norte-americana o porquê da participação dos Estados Unidos na guerra. (LEITE, 2003, p. 57).

Sob a ótica de Relações Públicas, essa preocupação com a opinião pública da população americana e internacional foi importante devido aos julgamentos e controvérsias que são inevitáveis quando se trata da imagem de uma potência mundial. E o controle neste caso, foi realizado a partir da Indústria Cultural cinematográfica. Daí a luta incessante pela conquista da opinião pública, com a utilização dos melhores meios de comunicação e das melhores técnicas publicitárias e propagandísticas (ANDRADE, 2005, p.18). Eis a importância das estratégias por meio do cinema para a formação assertiva de opinião.

Cena 1 - Combatente americano durante a invasão à Normandia guarda areia em um pote nomeado "France", próximo a outros potes nomeados "Italy" e "Africa"

A primeira cena selecionada para análise é rodada durante o começo do filme, quando um combatente americano durante a invasão à Normandia, guarda areia do local onde ele estava a serviço, em um pote nomeado "France". Logo após, ele guarda dentro de uma bolsa onde continham mais outros dois potes com os nome "Italy" e "Africa". Analisando o contexto dessa cena, é observado que a intenção é mostrar a todos os telespectadores que os EUA durante a Segunda Guerra Mundial, não só quis lutar pelo seu país, mas também pelos outros que estavam sendo ameaçados pela doutrina nazista de Hitler. Igualmente, lutou na Itália para combater o Fascismo. E, inserido no contexto da época Pós-Guerra Fria, período em que o filme foi lançado, o pote intitulado "África" pode ser interpretado claramente pelos interesses que o EUA tinha nesse continente, tão rico em matérias primas e um território tão propício para a exploração capitalista.

Cena 2 - O general George C. Marshall recebe a notícia da morte dos três irmãos norte-americanos em combate

Esta cena tem várias características intrínsecas importantes. Pois é o momento em que o General George Catlett Marshall, chefe do Estado-Maior do Exército Americano, interpretado pelo ator Harve Presnell, recebe a notícia da morte de três irmãos que estavam a serviço do exército americano, e da possibilidade da sobrevivência do quarto irmão que fazia parte do pelotão paraquedista do país e tinha caído em um lugar diferente da rota planejada, podendo estar sob ameaça alemã, na França. Analisando estrategicamente os aspectos apresentados, foi observado que, na sala onde se encontrava o general, a bandeira dos EUA estava sempre em destaque, assim como ocupavam lugar de destaque o quadro com a imagem do primeiro presidente dos EUA - George Washington, e símbolos que representavam o país. A imagem do General George Marshall é apresentada no filme, pois o mesmo foi um grande ícone norte-americano, combatente da primeira e Segunda Guerra Mundial e importante nos planos estratégicos do Exército Americano. Merece registro que o combatente foi autor do Plano Marshall, de 1948.

Analisando o restante das cenas, um dos componentes do Exército Americano, insiste em não perder tempo indo atrás do único filho da família Ryan, que poderia estar vivo, por ser uma ameaça aos outros soldados. Entretanto, em um cenário emocionante, o general lê uma carta de pêsames enviada para uma mãe que perdeu cinco filhos combatentes dos EUA. Por fim, a carta é finalizada com a assinatura de Abraham Lincoln, que liderou a Guerra Civil Americana.

Cena 3 - Inimigo alemão é rendido por soldados norte-americanos e cita nomes de grandes ícones e canta um trecho do hino dos EUA

O Capitão Miller e seus soldados, em busca do soldado Ryan, rendem um inimigo alemão, que com medo de ser morto, começa a falar os nomes de grandes ídolos dos EUA, como: Mickey Mouse, personagem de desenho animado e símbolo da empresa de mídia americana *The Walt Disney Company*, que tem uns dos estúdios cinematográficos mais importante de Hollywood; Clark Gable, um dos maiores atores estadunidenses de cinema dos anos 30 e 40, conhecido por ser protagonista do filme lançado em 1939 *E o Vento Levou*; o presidente dos EUA, importante político da história norte-americana que durante o

seu mandato enfrentou o período da Segunda Guerra Mundial, Franklin Roosevelt; Joe Louis, foi uma estrela do boxe norte-americano e teve como marco em sua carreira a luta contra o boxeador alemão Max Schmelling, em 1938. Esse combate teve muito destaque, pois em 1936, em uma luta anterior contra o mesmo adversário, Joe Louis foi derrotado e o governo de Hitler usou essa vitória como propaganda nazista, destacando a superioridade da raça ariana. Por fim o boxeador americano tornou-se um ícone dos EUA após conseguir virar o jogo anos depois; Nova York, cidade mais populosa e uma das mais conhecidas dos EUA, que possui uma grande proteção militar por ser alvo de ataques terroristas em tempos de globalização e capitalismo; Betty Boop, uma reconhecida personagem de desenho animado norte-americano; a modelo pin-up, dançarina, cantora e atriz estadunidense Betty Grable, que participou de vários filmes dos EUA e na década de 40 foi uma das atrizes mais bem pagas de Hollywood, as produções cinematográficas que a atriz participou, arrecadaram milhões de dólares. E, por fim, o inimigo rendido canta um trecho do hino dos EUA.

Considerando o contexto dos EUA, observa-se que os elementos descritos nesta cena para fazer referência ao país, são grandes ícones norte-americanos e símbolos do sistema econômico capitalista, que renderam grande lucro ao país por meio das mídias de massa, principalmente através do cinema. Todavia, pode-se afirmar que assim como outras mídias, os filmes hollywoodianos ajudaram a complementar a expansão cultural dos EUA, *o american way of life*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A globalização, o acentuado crescimento nos anos 90, e o fim da Guerra Fria, engendram importantes transformações na e para a sociedade. Os Estados Unidos, valeu-se dos filmes Hollywoodianos, para passar informações de acordo com as necessidades do governo. Com este estudo, foram feitas reflexões assentadas nas técnicas de Relações Públicas, a saber, as estratégias utilizadas pelo governo norte-americano para formar uma imagem positiva para a população e para o público internacional através dos filmes *Independence Day* e *O Resgate do Soldado Ryan*.

Esta comunicação deu ênfase às fases iniciais da pesquisa e à metodologia híbrida desenvolvida até agora no que diz respeito às fases finais do projeto.

A partir destes primeiros resultados, conclui-se que o cinema atraiu a atenção da sociedade e dos governantes, que passaram a vê-lo como um dispositivo de mediação e um canal de comunicação política com as massas. E, após as análises dos filmes selecionados, foi observado como as técnicas de Relações Públicas estão presentes nas produções da década de 90, apresentando grande importância para um objetivo assertivo.

Durante a pesquisa, foi constatado que as obras *Independence Day* e *O Resgate do Soldado Ryan* trazem características e mensagens que são passadas sempre em favor dos EUA, são elas: a) patriotismo, bravura e o heroísmo dos soldados nortes-americanos; b) independentemente da situação e do contexto, sempre é conferido destaque relacionado à positividade e superioridade dos EUA; c) a todo momento dos filmes são apresentados ícones de grande representação norte-americana, principalmente da bandeira, hino do país e endeusamento dos principais presidentes da história dos EUA; d) grande poder armamentista, tecnológico e científico; e) e por fim, no desfecho das películas, o país aparece como ganhador ou salvador do mundo. Por esses motivos, o cinema é um grande trunfo para a formação e o fortalecimento de uma boa imagem do país e das ações tomadas pelos governantes, mesmo que em grande parte estas sejam manipuladas de acordo com os interesses políticos, econômicos e comerciais norte-americano.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W, HORKHEIMER, Max. **A dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

ANDRADE, Candido Teobaldo de Souza. **Para entender Relações Públicas**. São Paulo: Ed. Loyola, 2005.

KARNAL, Leandro, et al. **A história dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. Disponível em: <http://www.janduarte.com.br/textos/america1/historia_eua.pdf>. Acesso em: nov/2015.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Planejamento de relações públicas na comunicação integrada**. São Paulo: Ed. Summus, 2003.

_____. **Relações públicas e modernidade: novos paradigmas na comunicação organizacional**. São Paulo: Ed. Summus, 1997.

LEITE, Sidney Ferreira. **O cinema manipula a realidade?**. São Paulo: Ed. Paulus, 2003.

SNOW, Nancy. **Propaganda, Inc.: vendendo ao mundo a cultura dos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Ed.Graphia, 2004.

WEY, Hebe. **O Processo de Relações Públicas**. São Paulo: Ed. Summus, 1986.